



## O COMPROMETIMENTO DA CAPACIDADE DE SUPORTE AMBIENTAL A PARTIR DA GERAÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS PELO CONSUMISMO

Paula Maria de Melo Menezes\*, Iris Emanuelle Silva de Moraes, Maria Luiza Monteiro Frutuoso de Castro

\* Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, paulamariamenezes@gmail.com

### RESUMO

Com base em uma revisão integrada de literatura a partir de trabalhos científicos, o devido artigo teve por intuito analisar um dos traços culturais dominantes nas sociedades modernas: a procura pela realização pessoal apoiada no consumo exacerbado de bens. Tal satisfação, entendida como efêmera, traz consigo danos ambientais diversos devido à sobrecarga ao meio ambiente em absorver a elevada produção de resíduos sólidos urbanos. Interpreta, ainda, a considerável expansão dos recursos ecossistêmicos atrelada ao aumento populacional urbano, o qual demanda o poder aquisitivo necessário para movimentar o ciclo vicioso do consumo, descartando um produto em um curto espaço de tempo. O consumismo, então, apresenta a teia da degradação ambiental, sendo: produção de bens não duráveis, materialização da felicidade, aquisição de produto estimulado pela indústria, descarte inadequado de resíduo, problemas sociais, nova aquisição de produto, concentração de resíduos, poluição local, deterioração dos recursos naturais locais, emissão de gases poluentes, poluição global e exaustão da capacidade de suporte ambiental. Embora a sociedade tenha amadurecido a consciência universal acerca dos bens de consumo, a realidade do descarte inadequado e dos problemas sociais, econômicos e ambientais oriundos desta, ainda, está longe de efetivas mudanças, uma vez que não há um comportamento voluntário, em boa parte, na esfera social; também, políticas públicas consistentes para minimizar os danos ambientais. Dado isso, tal desencontro acarreta em um abismo entre esferas que são fundamentais dentro da problemática consumista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Degradação ambiental, bens de consumo, capacidade ecológica, recursos ecossistêmicos, capitalismo.

### ABSTRACT

Based on an integrated review of scientific researches, the present paper had the purpose of analyzing one of the cultural dominant traces of the modern societies: the search for personal realization based on exacerbated consumption of goods. Such satisfaction, understood as ephemeral, brings diverse environmental damages due to the burden on the environment in absorbing the high urban solid waste production. Takes in count, also, the great expansion on ecosystems resources, related to the urban population increase, that demands the necessary purchasing power to move the vicious cycle of consumption, discarding a good in a short period of time. So, the consumption presents the environmental degradation network, being: non-durable good production, materialization of happiness, media-driven product acquisition, inadequate waste disposal, social problems, new product acquisition, waste concentration, local pollution, natural resources deterioration, emission of polluting gases, global pollution and exhaustion of the environmental support capacity. Although society has matured the universal awareness about consumer goods, the reality of inadequate disposal and the social, economic and environmental problems arising from it, is still far from effective changes, since there is no voluntary behavior in the social sphere; also, consistent public policies to minimize environmental damages. Given this, such a mismatch leads to an abyss between spheres that are actually fundamental within the consumerist issue.

**KEY WORDS:** Environmental degradation, consumer goods, ecological capacity, ecosystem resources, capitalism.

### INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea, dia após dia, tem traçado o perfil de consumo com base em produtos e serviços sem necessidade de uso. O consumo, no seu estado “natural”, é uma conveniência do capitalismo que, quando em demasia, traz impactos valorosos ao meio ambiente, tanto em detrimento da sua manutenção quanto a sua disponibilidade aos seres vivos. Dado isso, pode-se dizer que o mundo tem se tornado cada vez mais consumista. Embora tal afirmação seja considerada óbvia para muitos e não carregue consigo tanta preocupação, é necessário entendermos que a sua constante repetição está em evidência devido aos constantes e graves problemas ambientais aparecendo em espaços curtos de tempo, o que, em um futuro próximo, pode submeter as variadas formas de vida a condições de escassez de recursos essenciais, bem como extingui-las.

A compulsão é a identidade dos consumistas. Essas pessoas compram produtos de forma ilimitada em virtude de uma noção de felicidade, satisfação, sucesso, dentre outras. Belbut (2017) ressalta que esse comportamento é relacionado a cultura de fabricação em massa e cultura de manufatura. Para que se alcance o entendimento acerca dessa sociedade de felicidade materializada, é imprescindível que entendamos, resumidamente, o alicerce do capitalismo.



Com o estabelecimento do capitalismo, o comerciante abandonou a qualidade dos produtos em prol do seu uso e demanda para que seus custos e lucros fossem orçados e convertidos em uma dada quantia monetária. É no capitalismo mercantilista que o processo de acúmulo de riqueza ganha força, não somente, também estabelece uma economia de cunho concorrencial na qual as potências econômicas procuravam fazer sociedades, implementavam taxas e propiciavam guerras com o intuito de estender seu panorama comercial.

Na sistemática capitalista, uma mercadoria comum se torna intermédio para favorecer o enriquecimento de poucos, ou seja, concentrar renda. É nessa lógica que o consumismo se estabelece, pois as pessoas passam a consumir ostensivamente para que se alcance, rapidamente, lucros hiperbólicos. Conforme foi ocorrendo o crescimento e transformação dos meios de produção, também ocorreu o aumento da oferta de produtos e sua acessibilidade a uma quantia cada vez maior de usuários. Os produtos são dispostos em embalagens que comunicam mais do que sua atribuição principal. Como retrata o filósofo Lipovetsky (2007, p. 26), quando “estandardizados, acondicionados em pequenas embalagens distribuídos pelos mercados nacionais, os produtos passam a apresentar um nome, atribuído pelo fabricante: a marca”.

Assim, dada a consumação do comportamento consumista, o capitalismo, então, fortalece a noção do prazer idealizado firmado na obtenção de bens desnecessários. Embora tantos outros meios sejam contaminados, o principal é o ambiental, uma vez que este, sem dúvidas, interfere no socioeconômico.

### OBJETIVO

O presente resumo tem por objetivo compreender e somar em pesquisas científicas acerca de um dos traços mais marcantes no processo cultural moderno: a demanda pelo contentamento pessoal a partir da consumação exacerbada de mercadorias correlacionada a intensa degradação dos recursos ecossistêmicos a partir da geração de resíduos sólidos urbanos.

### METODOLOGIA

Na pesquisa, foi empregado o método de revisão integrada de literatura, a qual possibilita, segundo Sobral (2012), condensar acervos científicos prévios de modo a conseguir constatações integrais para explorar a aprendizagem científica sobre a problemática em questão. Desse modo, a fundamentação deste trabalho obedeceu a seguinte ordem: 1) definir o tema a ser investigado; 2) efetivar buscas bibliográficas; 3) estruturar as informações; 4) elucidar e examinar os resultados; 5) expor e difundir a verificação.

No 1º estágio— definição do tema —, iniciou-se da imediata dúvida: como a questão dos resíduos sólidos acompanhada de sua acelerada geração por parte dos bens de consumo pode esgotar a eficiência do meio ambiente em absorvê-los? Como cada vez mais ocorre o seu descarte indevido em um curto espaço de tempo e, conseqüentemente, como essa elevada taxa de descarte pode provocar problemas em cadeia? Ainda, como estabelecer o entendimento, entre os consumidores e indústrias, no qual não existe a concepção do “jogar fora” e que, portanto, a cada descarte de resíduo este só é, muitas vezes, realocado de lugar e permanece por um bom tempo afetando o meio?

No 2º estágio, a busca bibliográfica se deu em trabalhos publicados em periódicos, congressos e livros, seguindo a linha e eixos temáticos específicos como: Resíduos Sólidos, Educação Ambiental e Degradação Ambiental.

No 3º estágio, as informações foram coletadas e estruturadas com base em uma seleção dos trabalhos mais relevantes baseados em edições de eventos, quais dos periódicos e instituições que apresentam significativos feitos e significativas contribuições científicas na sociedade.

No 4º estágio, os resultados foram examinados a partir da ocorrência do assunto e nas peculiaridades encontradas nos documentos científicos selecionados. Assim sendo, o assunto foi dividido em três essenciais temas: o consumismo como agravante no acúmulo de resíduos, conscientização ambiental para minimizar o consumo desnecessário e o desgaste ambiental e limitação dos recursos naturais por parte das relações antrópicas.

No 5º estágio, as informações foram difundidas com base em cada estudo tido como relevante, ainda, estas foram organizadas individualmente para ajudar no entendimento e análise aferida de cada eixo.



## RESULTADOS

A população mundial tem crescido a uma escala exponencial, ressaltando que houve o excedente referente aos sete bilhões, resultando em um aumento de 2 bilhões de pessoas em 25 anos. Segundo Godecke (2012), o aumento populacional acompanhado da aglomeração em regiões urbanas reflete na expansão do uso dos recursos ecossistêmicos, de modo a ocorrer a exaustão destes tanto pelo apoderamento produtivo e consumista, como pelos prejuízos decorrentes do descarte residual, no ambiente, posterior ao seu uso.

Noções culturais e financeiras se relacionam à questão demográfica resultando no ligeiro processo degradativo dos bens naturais. A parcela de resíduos sólidos gerada pela sociedade conserva, não somente o grau econômico elevado, facilitando a prática econômica do consumo, como também princípios e convenções de vida, fundamentais aos níveis de destinação para a efetivação do consumo.

Assim, tanto no Brasil como nas demais nações em progresso, outros danos agregam-se aos assuntos ambientais oriundos de deformidades administrativas dos resíduos sólidos urbanos, a exemplo de doenças a partir da reprodução de vetores causadores de patologias e, ainda, lançamentos impróprios dos gases GEE (Gases de Efeito Estufa), intensificadores das mudanças climáticas globais como o aquecimento global.

### • O consumismo capitalista e a sustentabilidade

O consumo dispõe-se como ferramenta de estudo um tanto quanto recente nas ciências sociais, entretanto, de progressivo valor devido sua considerável importância na atualidade, pois desempenha uma função central em meio ao convívio da população, interferindo, assim, nos modos de agir, raciocinar e viver. É aspecto da sociedade vigente a concepção e o estabelecimento de “exigências” pelo firme exercício de interesses individuais no fomento aos costumes consumistas. A prática é estimulada pelo gasto do capital financeiro, quase sempre supérfluo, a fim de adquirir “benefícios” veiculados pelos meios midiáticos.

Os produtos são desenvolvidos com propriedades não duráveis de modo a criar a concepção de antigo e novo em espaços de tempo muito curtos, o suficiente para provocar a ideia de “consumo descartável”, desvencilhando-se sucessivamente de diversos produtos, principalmente os potencialmente nocivos. O anseio pelo novo traz a efêmera sensação de felicidade e bem-estar, assim, livrando-se da sensação de incômodo daquilo que é ultrapassado.

Segundo Kremer (2007), a aflição por consequências nos modos de vivência social junto ao ambientalismo estabelecida em meados da década de 1970 e, também, ao meio ambiente vinculado a indústria – meados da década de 1980 – construíram os pilares para o início do consumo verde. Essa vertente teve por intuito ponderar a variante ambiental como pauta nas formas de consumo a fim de intervir nas matrizes energéticas e os modos de produção junto as suas tecnologias. Foi nesse momento de início do alerta sobre a responsabilidade com os recursos naturais que se focou na reciclagem, minimização do esbanjamento, nas técnicas limpas e no fomento ao mercado verde. Ainda, outros parâmetros também foram questionados e tidos como base na problemática, como: fácil descartabilidade, diminuição do contraste de acesso aos bens materiais e a obsolescência programada.

Assim, a sustentabilidade de consumo começou a atentar para as intervenções coletivas e transformações organizacionais a fim de promover a inclusão de políticas estruturais em diversos aspectos, focando na relação produção-consumo, assim, o meio ambiente abandonou essa associação de como se usa os recursos ecossistêmicos para o ponto do quanto se faz uso destes. Embora haja o progresso de conscientização para o acometimento das questões ambientais, as constatações da *Global Environmental Survey (GOES)* entregam que há um considerável afastamento entre o grau de conscientização dos impasses e as ações particulares dos indivíduos. Estes, mesmo engajados a mudar essa realidade, ainda não entendem a correlação existente entre suas ações e a extensão dos problemas a uma escala global.

Espera-se muito que os órgãos tomem partido e iniciativas para tais mudanças fundamentais com medidas específicas e zeladoras. Em contra partida, quando há o envolvimento destes viabilizando as alterações interferentes aos seus modos de vida, reprovam veemente tais medidas.

### • A capacidade de suporte ambiental

Em Machado (1999), os conhecimentos sobre o uso e apoderamento do solo, acompanhados do seu delineamento e sistematização, atentam para a variável ambiental no que tange não só as ambições e necessidades consumistas em



sociedade, mas também para os rendimentos, possibilidades e limitações do ambiente, os quais são definidos, também, como capacidade ecológica de utilização.

A capacidade ecológica de utilização está ligada, diretamente, além dos procedimentos de utilização, também a potencialidade com que se efetiva tal utilização de modo a interligar esta, direta ou indiretamente, ao montante demográfico residente em um dado espaço. Junk (1995, p. 52) explica esse fenômeno como a “capacidade de um ecossistema ou de uma região para suportar sustentadamente um número máximo de população humana sob um dado sistema de produção”. Já em Filet (1995, p. 73), caracteriza essa ocorrência como “a capacidade ou habilidade dos ambientes em acomodar, assimilar e incorporar um conjunto de atividades antrópicas sem que suas funções naturais sejam fundamentalmente alteradas em termos de produtividade primária”.

Portanto, ainda que se defina um montante populacional exemplar para qualquer ambiente, ou seja, determine o que Machado (1999) chama de *optimum* de população, e que isso seja uma preocupação de cientistas específicos como geógrafos e economistas, esse ponto se torna um dos alvos primários para a proposta de uma conjuntura apropriada de posse para qualquer área, dispondo, sempre, das limitações eficientes do suporte ambiental.

### CONCLUSÃO

O estudo aqui disposto teve por intuito abordar uma reflexão a respeito da atual conjuntura de consumo, bem como sua predominância e consequência a partir de ações antrópicas as quais fortalecem os desgastes dos recursos naturais e desconhecem suas limitações, comprometendo as diversas formas de vida e a sustentabilidade para gerações futuras. Apesar de estar em andamento o processo consciente universal sobre a importância de mudanças significativas nos modos de vida da população, a agilidade para que mude esta realidade, tanto por aspectos governamentais quanto industriais e sociais, está, consideravelmente, distante da necessária. Por não haver o estímulo, de certa forma, para a transformação a partir de ações voluntárias, os órgãos e instituições precisam agir coercitivamente com base em aparatos legais, outros de fins econômicos e comunicativos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BELBUT, Clara Mourinho. **O Consumismo**. 2017. Disponível em: <<https://www.esquerda.net/artigo/o-consumismo/46340>>. Acesso em: 03.julho.2020.
2. FILET, Martinus. Análise de capacidade de suporte ambiental. In. TAU-K-TORNISIELO, Sâmia Maria. (Org.). **Análise Ambiental: estratégias e ações**. São Paulo: T.A Queiroz, 1995, p. 73/76.
3. GODECKE, Marcos Vinicius; NAIME, Roberto Harb; FIGUEIREDO, João Alcione Sganderla. O consumismo e a geração de resíduos sólidos urbanos no Brasil. **Rev. Elet. em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**. vol. 8, n. 8, p. 1700-1712, 2012.
4. JUNK, Wolfgang Johannes. Capacidade suporte de ecossistemas: Amazônia como estudo de caso. In. TAU-K-TORNISIELO, Sâmia Maria. (Org.). **Análise ambiental: estratégias e ações**. São Paulo: T.A Queiroz, 1995, p. 51-63.
5. KREMER, Joelma. **Caminhando rumo ao consumo sustentável: uma investigação sobre a teoria declarada e as práticas das empresas no Brasil e no Reino Unido**. PUC SP, São Paulo, 2007. 323 p.
6. LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.
7. MACHADO, Pedro José. Capacidade, suporte e sustentabilidade ambiental. **Rev. GEOSUL**. vol. 14, n. 27, p. 122-127, 1999.
8. SOBRAL, Fernanda Ribeiro; CAMPOS, Claudinei José Gomes. Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa. **Rev. Esc. Enferm. USP**. vol.46, n.1, p.208-218, 2012.